

Tópicos Especiais em Ciência Política II – 2021. Segundo semestre.

Professor Rubem Barboza Filho

Horário: Sexta-feira 14-18 hs.

Esta disciplina ainda visa uma sequência a duas outras oferecidas em semestres anteriores sobre a “crise da democracia” no mundo contemporâneo. Contudo, ao invés de basear-se numa bibliografia geral, daremos destaque a desafios específicos enfrentados pela nossa imaginação e prática democráticas. Desse modo, a disciplina estará organizada em blocos temáticos, todos eles centrados em um problema e numa bibliografia específica. Certamente, não teremos como dar conta de todos as questões relevantes e relativas ao momento que atravessamos. Ainda assim, o exame mais detido de problemas ou questões-chaves poderá permitir a percepção da enorme complexidade desta crise, que atinge tanto países com uma larga tradição democrática quanto aqueles, como o nosso, que não podem dispor de um passado marcado pela democracia.

Bloco 1. O “fazer” da Ciência Política (ou de uma Teoria Social).

Normalmente, a Ciência Política tem como objeto aquilo que Habermas chama subsistema do poder, do mesmo modo que a Economia como disciplina se debruça sobre o subsistema do dinheiro. Estas circunscrições de dimensões específicas da vida como campos ou objetos de estudo certamente resultaram em ganhos analíticos claros para estas duas ciências. No entanto, dada a dimensão e a complexidade não apenas das sociedades contemporâneas, e também da crise da democracia, a pura produção bibliográfica da Ciência Política *stricto sensu* talvez já não seja suficiente para a compreensão de mutações entrelaçadas que parecem exigir o cancelamento destes limites tradicionais. Neste sentido, este primeiro bloco busca um caminho especial para a progressiva construção de um horizonte mais amplo de análise sobre uma crise que não afeta apenas os regimes políticos atuais, mas as formas de vida nascidas na modernidade. De modo resumido, o caminho proposto para este esforço é o de explorar as possibilidades de incorporação dos resultados da “virada linguística” para uma Teoria Social interessada crítica e normativamente em decifrar o presente.

Este movimento não é certamente novo. Por isso mesmo, as tentativas mais importantes realizadas na segunda metade do século passado serão revistas para o cotejo com teorias

mais contemporâneas. Alguns conceitos serão importantes para esta reflexão, como o antifundacionalismo, a incomensurabilidade, o reconhecimento, a tradutibilidade, etc., do mesmo modo que autores como Sellars, Rorty, MacDowell, Brandom, Gadamer, Habermas, Taylor, MacIntyre, Boltanski, entre outros.

Bloco 2. A questão do populismo.

A intenção neste bloco é a de recuperar, se possível, os termos básicos do fenômeno contemporâneo designado como “populismo”, e que diz respeito diretamente à questão da crise da democracia. Deste modo, propõe-se o estudo de visões ou definições distintas deste fenômeno, como as de Pierre Rosanvallon, de um lado, e as de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, de outro. Discussões que, obviamente, incidirão sobre a compreensão da dimensão da política em um mundo pós-metafísico e atravessado pelas redes sociais, com suas virtudes e dilemas.

Bloco 3. A questão do nacionalismo.

Também associada à crise da democracia, e eventualmente à lideranças populistas e autoritárias, está a questão do nacionalismo. Sem dúvida será impossível discutir este tema sem a remissão ao processo de globalização, com suas expectativas cosmopolitas e seu substrato econômico. Da mesma maneira que estamos obrigados a refletir sobre as concepções tradicionais do estado-nação e o seu cortejo de problemas tais como desigualdades econômicas, sociais, religiosas, étnicas, de gênero – todos acentuados pelas migrações mundiais – e os modos de inserção das nações em um mundo cada vez mais complexo. Para uma visão mais global, atenção especial será dada à produção dos “estudos subalternos” – Chatterjee entre outros – com o foco em sociedades situadas fora do Ocidente, como China, a Índia e a África. A reflexão latino-americana também será mobilizada.

Bloco 4. A questão religiosa.

Em desafio às teses da secularização crescente das sociedades modernas, a religião – sob formas variadas e eventualmente em desafio às formas e concepções políticas existentes

– continua a desempenhar um papel importante em todo o mundo. Em várias regiões, a religião tem se mostrado como a base comum para a construção ou reconstrução de comunidades políticas, como no caso da Índia e de vários países dos Balcãs, o que faz a unidade política repousar mais em crenças religiosas do que em direitos, individuais ou não. Em outras sociedades, a religião tem sido vista como um “problema”, a exemplo do Islamismo na França, contra o pano de fundo da tradicional laicidade da sociedade francesa e de seu Estado. De certo modo, a permanência e a importância das religiões – ou de outras formas de organizar o espaço do sagrado e da tradição – mantêm em funcionamento cepas metafísicas que o Ocidente julgava em fase de desaparecimento. Como no caso dos outros blocos, a bibliografia é gigantesca, mas tentaremos explorar esta questão com autores como Habermas, Taylor, Terry Eagleton, Talal Assad, Turner, também entre outros.

A bibliografia mais específica de cada bloco será oportunamente enviada aos alunos matriculados.